

As funções Musicais do Maestro

“Conduzir e Dirigir”

Maestro José Brito

Os músicos detestam a perder tempo

Poderemos pensar também naquelas ocasiões, vezes sem conta, onde fazíamos gazeta para o estudo e íamos ver televisão, jogar à bola, namoriscar ou mesmo desmontar o instrumento - tudo para evitar o estudo. Isso acontece frequentemente, mas, pelo menos sabemos quem culpar: NÓS. Aquilo que os músicos odeiam realmente é a perda de tempo provocada por outrem.

Quantas vezes já nos sentamos numa Banda a “fumegar” porque o Maestro vai chegar tarde, ou porque ele não tem a menor ideia do que dizer ou fazer para que a música resulte, ou porque nos faz tocar vezes sem conta a mesma peça? Ou quantas vezes fizemos aqueles olhares reprovadores para o percussionista ou outro, que não estudou esta ou aquela passagem em casa e agora não consegue executá-la devidamente no ensaio?

O acto produtivo de fazer música

Todas estas questões influem no acto produtivo de fazer música e, no entanto, tudo isto podia ser evitado com uma simples preparação básica. Grupos musicais, quer sejam uma Banda Rock, quer sejam uma Orquestra Sinfónica, quer seja uma Banda vivem das pessoas e de como se correspondem. Assim sendo, qualquer pessoa que queira aproximar-se desta arte deve fazê-lo com a sensação de que todo este processo é agradável e válido.

Funções do Maestro

Uma das mais importantes funções do Maestro é coordenar a sonoridade do conjunto.

Grandes grupos precisam de alguém que os dirija, que os conduza. É dever do Maestro tentar encontrar uma estratégia antes do ensaio começar.

Mesmo um maestro com o maior do dotes musicais encontrará dificuldade se não possuir uma técnica básica de direcção. Todos sabemos que o movimento do **braço** ou da **Batuta** do Maestro deve, pelo menos, indicar o tempo da música. Porém, também deve ser claro quanto ao compasso que se está a marcar e para isso diversos movimentos são necessários para o fazer.

Devemos lembrar-nos que estes movimentos são feitos para guiar e reflectir a fluidez da música. Os bons Maestros estão conscientes de que a música não pára, mas sim, projecta-se em cada pulsação, e que o movimento do seu braço sugere esta continuidade.

Se dirigirmos da mesma maneira que um “robot” dirige o trânsito, então o nosso agrupamento será como uma rotunda qualquer em hora de ponta sem semáforos...

A forma clara como fazemos os gestos é muito importante para os músicos. Olhar sempre para a totalidade do grupo para se dar uma entrada, para que todos “entrem” ao mesmo tempo, para ver se estão todos prontos para começar e se todos estão a ver-nos.

A nossa marcação não só deve conter a pulsação como também o carácter da música.

Deverá ser possível mostrar, com o movimento do braço, se queremos um lânguido(*) ou um nobre e rico 4/4, mesmo que o tempo base seja igual.

Apesar de muitos Maestros o fazerem, **não é necessário duplicar a marcação** com o *braço oposto*. É mais vantajoso usar este braço para reforçar alguma ideia que queremos extrair da partitura, como por exemplo uma entrada de um instrumento, um acorde acentuado, um pp súbito, etc, etc..

Também o podemos usar para conseguir o equilíbrio. Se queremos mais ou menos aqui ou ali; indicar cortes; suspensões; etc..

Habituar-se à direcção, ver os músicos e ser visto por eles.

Se queremos dirigir rápido, os gestos devem ser pequenos. Os gestos tornam-se mais incontroláveis com o incremento da excitação musical, contudo os músicos desviarão os seus olhares se confrontados com um gesto largo e esquisito.

Finalmente, não cair no erro comum de se fazer gestos depois das coisas acontecerem. Pois assim se demonstra que não se está a dirigir, mas a ser-se dirigido....

Os músicos precisam sempre de um momento de resposta aos nossos gestos e então é necessário que estejamos numa fracção de tempo à frente do som resultante. Mas sem exageros.

(*) doce, brando, voluptuoso